
Sobre um mal universal

Paulo José Carvalho da Silva

Poucas expressões da história da cultura brasileira foram tão eloquentes ao abordar o tema da tristeza como o “Sermão da quarta domingo depois da Paschoa”, pregado por padre Antônio Vieira, no Maranhão, em data desconhecida (Silva, 2000).

Antônio Vieira nasceu em Lisboa em 1608, mas foi educado no colégio dos jesuítas da Bahia, completando estudos de filosofia e teologia, e tornando-se logo célebre por suas pregações. De volta à Europa, após a aclamação de D. João IV, foi nomeado pregador régio e diplomata em missões na França, Holanda, Inglaterra e Roma. Ele comandou ainda as missões jesuíticas no Maranhão e Pará entre 1652 e 1661, quando deve ter pronunciado o “Sermão da quarta domingo depois da Paschoa”. Sofreu processo inquisitorial em Coimbra com base em seus escritos histórico-proféticos, tendo partido para Roma, em busca de revisão de sua sentença, em 1669, onde recebeu convite do padre geral da Companhia, Gian Paolo Oliva, para sucedê-lo como pregador do papa e tendo sido nomeado pregador da rainha Cristina da Suécia, então radicada em Roma. Recebeu absolvição pontifícia em 1675, e retornou primeiro a Portugal, onde iniciou a publicação de seus sermões, e depois para a Bahia, vindo a falecer em 1697.

Desde o primeiro tomo publicado dos *Sermões* de Antônio Vieira, de 1679, evidencia-se uma enorme variedade de pregações e diversidade de assuntos. Nota-se também a especificidade desses textos, testemunhos de diferentes pregações feitas ao longo de

quase um século, que ganharam nova vida ao serem transformadas em palavra escrita pelo autor em idade madura. São mais de duas centenas de sermões publicados, alguns muito célebres, outros nem tanto, todos repletos de informações sobre a história dos saberes sobre o homem.

Vale lembrar que os sermões eram, naquela época, o mais importante instrumento de divulgação de idéias e não apenas de cunho estritamente religioso. Não se deve pensá-los, porém, como o produto da arte de persuadir ou propaganda sem compromisso com a ética, a filosofia e os cuidados com o corpo (Massimi, 2005). Vieira, em particular, segue um modelo no qual a teologia, a retórica e a política constituem uma unidade semântica indissolúvel que foi aplicada às diferentes e particulares circunstâncias de sua variada pregação (Pécora, 1994).

Pode-se acrescentar ainda que vários sermões são de interesse para a investigação da história da psicopatologia e provocam muitas reflexões acerca do *pathos* e suas manifestações, como é o caso desse “Sermão da quarta domingo depois da Paschoa”.

Vieira promete, nesse sermão, ensinar a arte de não estar triste. Para tanto, realiza uma caracterização minuciosa da tristeza. Ele discorre a respeito de sua causa, seus efeitos no corpo e na alma e seu remédio. No que concerne à sintomatologia, sua descrição coincide com o pensamento médico do período. Aliás, o modo como Vieira apresenta o triste se assemelha a um caso clínico, não tanto na preocupação de particularizar, mas certamente na tentativa de fornecer um *exemplum* compreensivo e esclarecedor. Por esta razão é justamente esta passagem do sermão que é aqui reproduzida.

Mais de trezentos anos atrás, ele se valeu de convincentes imagens para fazer seu leitor reconhecer os sinais mais importantes da tristeza, quase como se pintasse uma tela com pinceladas precisas o suficiente para ainda impressionar pela acuidade e verossimilhança. Lê-se, nesse sermão, que a intimidade com a melancolia e o tédio, a anestesia dos sentidos, o esmaecimento do corpo, o aborrecimento com o mundo e com si mesmo, a perda do desejo e, sobretudo, o desgosto pela vida e a hipersensibilidade à dor compõem o quadro sombrio do padecimento da tristeza.

A noção de tristeza difundida por Vieira está de acordo com as orientações filosóficas fundamentais da Companhia de Jesus de seu período. Em primeiro lugar, ele retoma a idéia de afeto desenvolvida na espiritualidade inaciana. Em poucas palavras, segundo o pensamento de Inácio de Loyola, fundador da Ordem, os afetos estão relacionados ao desejo e este é a força motriz de toda a atividade humana, inclusive a espiritual (Certeau, 1973).

Inácio de Loyola também havia determinado que a produção de saber e o ensino nas escolas jesuíticas dariam continuidade à filosofia de Aristóteles e à

teologia de São Tomás de Aquino. Os comentários aos textos aristotélicos sobre a natureza, inclusive às obras psicológicas, elaborados no Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, seriam produtos desta diretriz.

Depreende-se dos comentários do coimbrão filósofo jesuíta Manuel Góis (1583, 1593, 1602), que a tristeza é um movimento do apetite sensitivo, causado pela imaginação da presença de um mal ou perda de um bem, aparente ou verdadeiro, que modifica o corpo contra as leis da natureza. Trata-se de um movimento natural necessário, que nasce do fato de que a alma esteja engajada na matéria. Esse processo implica o impulso da alma e a alteração orgânica dos espíritos vitais presentes no coração em virtude da modificação da temperatura corporal desencadeada pelo movimento da alma. Por espírito entende-se, neste caso, a versão para *spiritus*, tradução latina de *pneuma*, conceito da medicina grega antiga. É o *pneuma* que mediará a ação da alma sobre processos somáticos: o *pneuma psychicon*, produzido no cérebro, rege as atividades mentais; o *pneuma zotichon*, gerado no coração, age em órgãos e funções vitais; e o *pneuma physicon*, produzido no fígado, participa da nutrição.

A tristeza e outros afetos são, portanto, considerados naturais e universais pois são próprios da condição humana. No entanto, eles podem degenerar em vícios ou enfermidades quando não governados pela razão e pelo livre arbítrio. Tal como muitos outros escritos do período, inclusive de importantes médicos, o comentário ao *Parva Naturalia* (1593) também afirma que uma emoção muito intensa tem o poder de perturbar a temperatura corporal de modo a causar a morte. Algo que Vieira também enfatiza em seu sermão acerca da tristeza.

Ao admitir que a fantasia do objeto desencadeia a paixão, os filósofos aristotélicos autorizavam o uso dos recursos persuasivos da retórica a fim de modificar a imaginação e, com isso, moderar uma paixão desmesurada e restabelecer o equilíbrio e a tranqüilidade da alma e a saúde e força do corpo (Massimi & Silva, 2001).

Quando padre Antônio Vieira considera os aspectos propriamente naturais da tristeza ele a aproxima da melancolia. Ele se refere ao antigo sistema hipocrático-galênico dos quatro temperamentos que identifica nas qualidades psicossomáticas as determinações do comportamento. Nesta perspectiva, *grosso modo*, os chamados fleumáticos, de qualidade fria e úmida, seriam naturalmente preguiçosos e insensíveis; os sanguíneos, de corpo quente e úmido, seriam serenos e tranqüilos; os coléricos, quentes e secos, mostrar-se-iam destemidos e irascíveis; já os melancólicos, frios e secos, apresentariam um comportamento marcado pela tristeza e temor.

Entretanto, coerente com a psicologia aristotélico-tomista que prevê a possibilidade desejável do domínio da razão sobre os apetites e movimentos afeitos ao corpo, Vieira, bem como outros jesuítas, sem pressupor uma cisão entre corpo

e alma tristes, não compactua com a hipótese da soberania do temperamento do corpo na determinação do caráter moral, como defendia o médico antigo Galeno, em *As faculdades da alma seguem os temperamentos do corpo*.

O médico grego Hipócrates afirma nos *Aforismos*, VI-23, que quando o temor e a tristeza persistem um longo tempo, trata-se do estado melancólico. O que foi retomado pelos principais médicos da tradição hipocrático-galênica. A maioria dos médicos contemporâneos de Vieira identificava a melancolia ao desequilíbrio dos referidos humores, em termos quantitativos e qualitativos, com predominância das qualidades seca e fria, mas não excluía a consideração dos efeitos das paixões da alma e o estilo de vida.

Assim, uma má educação ou uma vida sedentária e excessivamente meditativa poderiam provocar os males melancólicos, bem como a persistência da tristeza e do temor. O médico francês André du Laurens (1558-1609), que acumulou os cargos de chanceler da Universidade de Montpellier e médico dos soberanos de França, Maria de Medici e Henri IV, afirma, em seu *Discours de la conservation de la vie, des maladies melancholiques, des catarrhes, & de la vieillesse*, que, independentemente da predominância do humor melancólico ou bile negra, o verdadeiro melancólico apresenta o cérebro enfermo e se mostra sempre apreensivo e com uma tristeza inseparável, ou seja, está perpetuamente inquieto, de corpo e de espírito.

A explicação para a causa da tristeza, por sua vez, Vieira extrai de uma interpretação de uma passagem bíblica, circunscrevendo-a ao campo teológico. Ele retoma o momento no qual Cristo teria anunciado sua morte aos apóstolos que se entristeceram por se sentirem imediatamente saudosos e desamparados.

A questão mais interessante, porém, é que, segundo Vieira, o verdadeiro motivo de sentirem-se tristes não seria a ausência iminente do mestre amado, e sim o silêncio perante sua partida. Se eles tivessem se perguntado para onde iria Cristo teriam logo compreendido que não tinham motivos reais para tanta tristeza.

É evidente que Vieira explora, então, as conseqüências edificantes desta idéia e propõe uma arte de não estar triste que se identifica com a conversão ao catolicismo modernizado dos jesuítas. O que estaria coerente com aquilo que ele frisa ser o pior dos males advindos da tristeza, seus efeitos na alma. Conforme Vieira, ao aturdir a faculdade da razão e predispor a vontade a buscar alívio em gozos outros além das virtudes católicas, a tristeza acarretaria faltas morais que colocariam em risco a própria salvação da alma.

De qualquer forma, o orador afirma que a tristeza é filha da culpa, mas que a causa de se adoecer de tristeza é o silêncio: as tristezas interiores, ocultas ou disfarçadas, são as mais virulentas. Além disso, a tristeza é um movimento da alma; já ser triste é uma disposição de caráter que perpetua o afeto em estado d'alma. O seu remédio consiste, portanto, em perguntar-se pelo destino ou rumo

a ser trilhado, pondo em movimento a palavra e o desejo e modificando a si mesmo.

Referências

CERTEAU, M. de. L'espace du désir ou Le "fondement" des exercices spirituels. *Christus*, v. 20, n. 77, p. 118-28, 1973.

GALENO. *L'âme et ses passions*. Les passions et les erreurs de l'âme. Les âmes suivent les tempéraments du corps. Trad. e notas de V. BARRAS, T. BIRCHLER, A.-F. MORAND. Paris: Les Belles Lettres, 1995.

GÓIS, M. *Disputas do curso sobre os livros da moral da ética a Nicomaco, de Aristóteles em que se contêm alguns dos principais capítulos da Moral*. Lisboa: Simão Lopes, 1583.

_____. Commentarii Conimbricensis Societatis Jesu. In: *Libros Aristotelis qui Parva Naturalia appellantur*. Lisboa: Simão Lopes, 1593.

_____. Commentarii Conimbricensis Societatis Jesu. In: *In tres libros de Anima*. Lisboa: Venetiis, 1602.

HIPÓCRATES. *De l'art médical*. Trad. francesa de E. Littré. Paris: Bibliothèque Classique, 1994.

LAURENS, A. *Discours de la conservation de la vue, des maladies melancholiques, des catarrhes, & de la vieillesse*. Rouen: Lovys Laudet, 1630.

MASSIMI, M. *Palavras, almas e corpos no Brasil colonial*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MASSIMI, M. & SILVA, P. J. C. (orgs.). *Os olhos vêm pelo coração*. Conhecimentos psicológicos das paixões na cultura luso-brasileira dos séculos XVI e XVII. Ribeirão Preto: Holos/Fapesp, 2001.

PÉCORA, A. *Teatro do sacramento*. A unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antonio Vieira. São Paulo/Campinas: Edusp/Unicamp, 1994.

SILVA, P. J. C. *A tristeza na cultura lusobrasileira: os sermões do padre Antonio Vieira*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.

VIEIRA, A. *Sermoens do P. Antonio Vieira, da Companhia do Iesu, Prègador de Sua Alteza [...]*. Lisboa: Oficina de Ioam da Costa, 1679-1748. 17 v.

_____. *Sermões*. Porto: Lello e Irmão, 1951, 15 v.